



JACOB BURCKHARDT E A PREPARAÇÃO PARA A CULTURA DO RENASCIMENTO NA ITÁLIA

Cássio da Silva Fernandes*

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

cassiofer@hotmail.com

RESUMO: O historiador suíço Jacob Burckhardt (1818-1897) é comumente referido como autor do clássico livro, publicado em 1860, *A Cultura do Renascimento na Itália*. Por meio dessa obra, Burckhardt apresentava uma síntese histórica do período, traduzida na memorável fórmula da “descoberta do homem e do mundo”. O presente trabalho segue o processo de elaboração da obra pelo autor, desde sua primeira viagem a Roma, em 1846, até a composição final do manuscrito.

ABSTRACT: The Swiss historian Jacob Burckhardt (1818-1897) is commonly referred as the author of the 1860 classic *The Culture of Renaissance in Italy*. In this research, Burckhardt presented a historical synthesis of the period, translated in the memorable formula the “discovered of the man and the world”. The present article intends to follow the work as it was done by the author since his first trip to Rome, in 1846, until the final manuscript composition.

PALAVRAS-CHAVE: Burckhardt – história da cultura – Renascimento

KEYWORDS: Burckhardt – cultural history – Renaissance

Quando, no outono de 1860, a *Kultur der Renaissance in Italien* (Cultura do Renascimento na Itália) saiu das prensas de uma antiga casa editora de Basileia, o historiador suíço Jacob Burckhardt não podia prever a importância que o futuro lhe concederia. Malgrado sua peculiar sensibilidade para perceber os destinos históricos de seu tempo, foi para ele surpreendente a dimensão ganha pela obra já final do século XIX. Ao contrário, é curioso e significativo que o próprio autor, no momento da publicação, não escondesse as dúvidas e incertezas quanto ao valor da obra. “Foi enfim ainda um filho que me deu grandes preocupações”,¹ referiu-se ao livro, numa carta a

* Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Departamento de História.

¹ Trecho presente em GHELARDI, Maurizio. *La Scoperta del Rinascimento* – L’ “Età di Raffaello” di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 217.

Heinrich Schreiber, em 19 de setembro de 1860, insinuando as dificuldades com as quais tinha-se defrontado no longo período de preparação.

Sobretudo, uma lacuna específica o atormentava: era como se ao seu livro faltasse uma parte. Ele tinha negligenciado uma análise detalhada da arte do Renascimento, e sobre isso não pôde silenciar: “nós tínhamos primeiramente pensado em preencher a maior lacuna do livro com uma obra especial sobre a ‘Arte do Renascimento’; propósito que pôde ser realizado apenas em parte”,² afirmou logo nas páginas iniciais. De fato, o livro em questão era parte de um projeto de trabalho longamente elaborado e por algumas vezes reestruturado, um projeto que se confunde, em vários pontos, com todo o conjunto da obra de Burckhardt, mas que no livro de 1860 assumiu uma forma específica e revelou um anseio de continuidade.

É o biógrafo de Burckhardt, Werner Kaegi, autor de uma obra de 7 volumes sobre o historiador, quem afirma que a preparação da *Kultur der Renaissance in Italien* ocupou o período entre 1846 e 1860, ou seja, da primeira viagem do autor a Roma até a elaboração final do manuscrito.³ Neste mesmo intervalo de tempo, Burckhardt trabalhou em diferentes projetos editoriais. Desde as contribuições às segundas edições do *Handbuch der Geschichte der Malerei* (Manual de História da Pintura) e do *Handbuch der Kunstgeschichte* (Manual de História da Arte) de Franz Kugler, editados respectivamente em 1847 e 1848, até duas de suas obras principais, *Die Zeit Constantins des Grossen* (A Era de Constantino, o Grande), de 1853, e *Der Cicerone* (1855). É também neste período, como o denomina Kaegi, seus “Wanderjahre” (anos de viagem), que Burckhardt, entre as estadias na Itália e as temporadas de trabalho ao lado de Kugler em Berlim, ensina em Basileia e em Zurique, para, em 1858, estabelecer-se definitivamente no meio citadino basileense, ocupando ali cargo de professor na universidade. De qualquer modo, em meio a mudanças e voltas ocorridas no intervalo de tempo entre 1846 e 1860, desenha-se na mente de Burckhardt a grande e multiforme unidade histórica apresentada na síntese histórico-cultural a qual chamou *Die Kultur der Renaissance in Italien*.

² Tradução livre do original: “Der grössten Lücke des Buches gedachten wir einst durch ein besonderes Werk über ‘Die Kunst der Renaissance’ abzuhelfen; ein Vorsatz, welcher nur geringernteils hat ausgeführt werden können”. BURCKHARDT, Jacob. *Die Kultur der Renaissance in Italien*. In.: _____. **Gesammelte Werke**. Band III, Basel/Stuttgart: Schwabe, 1978, p. 1.

³ Ver KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt: Eine Biographie**. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 647.

Este caminho, no entanto, tinha começado em Roma, em 1846. Certamente, sua primeira viagem romana possuiu, já no momento de sua realização, um significado e uma expectativa especiais. “Daqui a quatro semanas e meia parto para Roma”, anunciou de Basiléia a seu caro amigo Hermann Schauenburg, em fevereiro de 1846, para, em seguida, afirmar:

Vocês não fazem senão desafiar com cada vez maior audácia esta época indigna - eu, ao contrário, conservo silêncio a esse respeito, mas rescindi qualquer ligação com ela e justamente por isso me perco no doce Sul morto à história, mas que, admirável e silencioso monumento fúnebre, deverá me reencorajar, cansado como estou da modernidade, com seu brívido de antigüidade. Sim, quero esconder-me de todos: radicais, comunistas, industriais, doutos, ambiciosos, reflexivos, abstratos, absolutos, filósofos, sofistas, fanáticos do Estado, idealistas, – ais e istas de todos os gêneros! [...]

Tenho um meio pressentimento de que na Itália o meu espírito readquirirá em justo grau sua temperada energia e produzirá algo de bom - por que não dizê-lo?⁴

A Itália tinha-lhe propiciado um fruto juvenil, as *Bilder aus Italien* (Imagens da Itália), editada após sua viagem de 1838. Agora, porém, ao leitor de Goethe, fortemente presente no livro de 1838, tinha-se somado o olhar de historiador, formado pelas aulas de Gustav Droysen, de Leopold von Ranke, de Franz Kugler. Ao lado do poeta-viajante colocava-se então o historiógrafo que havia se formado em Berlim. Assim, a Roma de agora se lhe apresentava como o lugar privilegiado da assimilação de uma memória da antigüidade, do perdurar da civilização antiga. Porém, a essa imagem se juntava uma outra, bastante cara a Burckhardt naquele momento: a Itália assumia em sua mente a característica de um local de refúgio.

A amarga desilusão com o presente tinha provocado, nesta mesma época, o seu definitivo afastamento de qualquer ligação com a esfera da ação ou do pensamento políticos e impulsionava-lhe ao recolhimento contemplativo, levava-o ao encontro dos monumentos da “velha Europa”. Neste momento, no entanto, a imagem da Europa surgia esboçada na mente de Burckhardt através da desconfiança e da resignação diante

⁴ “Ihr Wetterkerle wettet Euch immer tiefer in diese heillose Zeit hinein - ich dagegen bin ganz im Stillen, aber komplett mit ihr überworfen und entweiche ihr dehalb in den schönen faulen Süden, der der Geschichte abgestorben ist und als stilles, wunderbares Grabmonument mich Modernitätsmüden mit seinem altertümlichen Schauer erfrischen soll. Ja, ich will ihnen allen entweichen, den Radikalen, Kommunisten, Industriellen, Hochgebildeten, Anspruchsvollen, Reflektierenden, Abstrakten, Absoluten, Philisophen, Sophisten, Staatsfanatikern, Idealisten, aner und iten aller Art [...]. Ich ahne so halb und halb, dass mein Geist in Italien wieder die rechte stählerne Spannkraft erhalten und etwas Rechtes produzieren wird – warum es Dir niche sagen?” BURCKHARDT, Jacob. **Briefe** – Ausgewählt und herausgegeben von Max Burckhardt. Basel/Birsfelden: Schibli-Doppler, s/d, p. 143-144.

dos acontecimentos de seu tempo. O gradativo crescimento da importância do papel desempenhado pelas discussões políticas no meio europeu, unido à contínua marcha de consolidação dos estados nacionais, que dilacerava as esferas tradicionais de poder, atuava como um reforço do viés pessimista de sua visão a respeito da contemporaneidade. Tornara-se inevitável sua ruptura interior com o mundo político germânico, cada vez mais sob o domínio do Império Prussiano, e com os caminhos abertos pela vida contemporânea.

Como contraponto ao cenário político germânico, oferecia-se a visão de sua cidade natal, especialmente até o ano de 1848. Basiléia, anterior à revolta camponesa de 1848, era envolvida por uma atmosfera conservadora, profundamente protestante e próspera. Consciente do papel que havia desempenhado no contexto do saber humanístico do século XVI, quando foi sede de importantes e eruditos editores, abrigo voluntário de Erasmo e de Holbein, a cidade conhecia, no século de Burckhardt, um novo florescimento dos estudos clássicos. Em 1818, ano do nascimento de Burckhardt, o Conselho de Educação de Basiléia aprovava uma nova legislação educacional, que fazia entrar na cidade as ramificações do neo-humanismo alemão do final do século XVIII. Tal legislação atribuía ao *Pädagogium*, cuja atuação reforçava a ligação entre o liceu e a universidade, a tarefa de imprimir aos jovens da cidade o interesse e o conhecimento da cultura clássica. Burckhardt, que foi aluno e professor dessa instituição, adquire sua formação básica e secundária sob a vigência dessas leis educacionais. Mas não apenas ele estivera entre os basileenses dessa época, os quais, na maturidade, dedicar-se-iam ao estudo da Antiguidade. A solidez dos estudos clássicos revelar-se-ia em eruditos de sua geração, formados em Basiléia, tais como Johann Jacob Bachofen, Arnold Böcklin, Carl Spitteler, para não falar de Friedrich Nietzsche, que para lá se transferiu, justamente para ensinar no *Pädagogium*.⁵ Paralelamente a tudo isso, seguia a vida política de Basiléia. Cidade renana ligada à Confederação Helvética desde 1501, orgulhosa de sua tradição republicana. Cidade-Estado medieval

⁵ Sobre a profusão dos estudos clássicos em Basiléia no século XIX, deteve-se BERCHTOLD, Alfred. **Bâle et Europe**. 2 v. Lausanne: Payot, 1990.

É também importante a esse respeito a conferência pronunciada no Museu do Louvre, por ocasião do congresso *Relire Burckhardt*, e posteriormente publicada como: HEGER-ÉTINVRE, Marie-Jeanne. Jacob Burckhardt et la vie intellectuelle bâloise. In: ROSENBERG, Pierre (Org.). **Relire Burckhardt**. Principes et théories de l'histoire de l'art. Paris: Musée du Louvre et École nationale supérieure des Beaux-Arts, 1997. p. 131 et seq.

transformada em Cantão suíço, plenamente soberano até 1848, antes da reforma estrutural por que passou a Confederação.

Jacob Burckhardt permanecia ligado a suas origens cidadinas e burguesas. E como tal, voltava as costas às discussões a respeito de seu tempo, movendo-se em direção ao “doce Sul”, como ele próprio afirmou. Assim, encontra Roma, pela primeira vez, em 1846.

Entretanto, é em sua segunda viagem romana, no inverno de 1847-48, quando vem esboçada, em sua origem, a idéia do livro editado em 1860. O próprio Burckhardt o teria confessado, em março de 1895, quando da visita de Ludwig von Pastor. “Naquele momento formou-se em mim a primeira idéia sobre a *Kultur der Renaissance in Italien*”, afirmou em sua conversa com o historiador alemão.⁶ Ele tinha chegado em Roma em 11 de outubro de 1847, após os meses de trabalho em Berlim, onde colaborou na reedição dos citados manuais histórico-artísticos de Franz Kugler. Contudo, além do impacto causado pela imagem das ruínas romanas, um livro teria aberto os olhos de Burckhardt em direção ao *Quattrocento* italiano: “tornou-se infinitamente importante para mim [afirma ainda a Ludwig von Pastor] ter lido em 1847, em Roma, durante alguns dias, as biografias de Vespasiano da Bisticci”.⁷ Ele se referia às *Vite di uomini illustri del secolo XV*, escrita pelo livreiro florentino que viveu até 1498. Vespasiano, imerso na tradição do humanismo de Florença, fundia narrativa biográfica com história cidadina, tinha deixado, com sua obra, uma descrição da vida de pontífices, reis, cardeais, bispos e arcebispos, homens de estado, príncipes, literatos e até mesmo de mulheres ilustres. São, ao todo, cento e três *vite*. Algumas em forma de comentários e biografias, outras à maneira de meras recordações episódicas, escritas, no entanto, como afirma o próprio autor, “per avere illustrate l’opere degli uomini singolari”. E, a seguir, acrescenta: “se al tempo di Scipione Africano non fussi istato Livio e Sallustio ed altri degni iscrittori, periva la fama di sì degno uomo insieme con lui”.⁸

Segundo o testemunho de Werner Kaegi, naquela oportunidade, Burckhardt teria lido a obra de Vespasiano, em sua reedição de 1839. Ou seja, na versão sem

⁶ No original: “Damals entstand bei mir der erste Gedanke zur Kultur der Renaissance in Italien”. Citação contida em KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt**: Eine Biographie. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 647.

⁷ No original: “Aber unendlich bedeutungsvoll wurde es für mich, dass mir in Rom 1847 für einen Tag die Biographien des Vespasiano da Bisticci geliehen wurden”. Ibid.

⁸ BISTICCI, Vespasiano da. **Vite di uomini illustri del secolo XV**. Volume Primo. Bologna: Romagnolli-Dall’Aqua, 1892, p. 1.

retoques organizada por Angelo Mai como parte de sua seleção de obras inéditas gregas, latinas e italianas, intitulada *Spicilegium Romanum*. Para Burckhardt, entretanto, o universo que se abria através da obra de Vespasiano, lançava sua imaginação histórica em direção às peculiaridades e aos feitos dos ilustres florentinos do *Quattrocento*. Mas não apenas isso. Por meio da leitura das *Vite* de Vespasiano da Bisticci, desabrochava frente a seus olhos um importante modelo da revitalização, no século XV, do gênero biográfico tão cultivado entre os antigos, gregos ou latinos. É sobretudo significativo o fato de ter-lhe sobrevivido a idéia do livro de 1860 exatamente após o contato com o grandioso universo das *vite*, narradas pelo escritor florentino.

No entanto, após a leitura da obra de Vespasiano, ainda em sua segunda estadia romana, Burckhardt tem a idéia da construção de uma pequena biblioteca pessoal de história da cultura que serviria de base para um “grande plano literário”. Esse plano, ele o dividiu, segundo sua carta de Roma, escrita em janeiro de 1848 ao *Ratsherr* de Basileia, Andreas Heusler, nos seguintes blocos temáticos: a época de Péricles; a época do tardo império romano; o século VIII; a época dos Hohenstaufen; a vida alemã do século XV; a era de Rafael.⁹ Aqui, o momento histórico que se confunde com o que o historiador posteriormente denominaria Renascimento italiano recebe o título “A era de Rafael”. Sobre tal problema, comentou ainda Werner Kaegi, atentando para três aspectos específicos:

Primeiro, o plano de um estudo separado sobre o Renascimento surge inicialmente em conexão com a história da cultura da Idade Média, isto é, pensado como um quadro unitário [...]. Segundo, falta na redação final do título ‘A era de Rafael’ tanto o conceito de “Kultur”, como aquele de “Renaissance” [...]. Terceiro, o sinal mais forte na primitiva concepção é o artístico (Rafael) e não o histórico-cultural.¹⁰

Portanto, nessa primeira idéia de uma época histórica pensada em bloco, permaneceu a arte no centro da problemática. Não era ainda o “homem do Renascimento” a se colocar no eixo central da visão de Burckhardt da época idealmente

⁹ Cf. KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt**: Eine Biographie. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 649.

Ver também GANZ, Peter. Jacob Burckhardts *Kultur der Renaissance in Italien*: Handwerk und Methode. In: GUGGISBERG, Hans R. (Herg.). **Umgang mit Jacob Burckhardt**. Band I. Basel; Munchen: Schwabe; C. H. Beck, 1994, p. 38.

¹⁰ “[...] erstens, dass der Plan einer Sonderstudie über die Renaissance zuerst im Zusammenhang einer Kulturgeschichte des Mittelalters auftaucht [...]. Zweitens fehlt in dieser Urfassung des Titels - ‘Zeitalter Rafaels’ - sowohl der Begriff der ‘Kultur’ wie derjenige der ‘Renaissance’ [...]. Drittens ist der Hauptakzent in der Urkonzeption ein künstlerischer – ‘Rafael’ – und nicht ein kulturhistorischer”. KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt**: Eine Biographie. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 649.

concebida. De todo modo, aparece aqui o primeiro significativo sinal da elaboração burckhardtiana da unidade histórica a qual construiria em seu livro de 1860.

Porém, pouco tempo depois de sua segunda estadia em Roma, Burckhardt elabora, na Universidade de Basiléia, um curso acadêmico no qual “enfrenta pela primeira vez diretamente o tema da relação entre Idade Média e Renascimento”,¹¹ afirmou Maurizio Ghelardi, em seu trabalho de organização e interpretação dos manuscritos burckhardtianos de cursos e conferências tidas no período entre 1848 e 1859. Nestas aulas ministradas no inverno de 1849-50, intituladas *Vorlesungen über Blüthezeit des Mittelalters* (Lições sobre a florescência da Idade Média), Jacob Burckhardt buscou trabalhar em conjunto o universo cultural e artístico, unidos em sua formulação de um esboço sobre as diferenciações entre o mundo italiano e aquele ao norte dos Alpes, no final da Idade Média.

Como Dante com a sua forma férrea e fechada [afirmou Burckhardt] contrasta com a difusa e amébica poesia nórdica de então, assim também a pintura deu um grande passo adiante na direção do que é determinado e vivo, graças ao contemporâneo Giotto.¹²

E, privilegiando o aspecto metodológico, em outro trecho citado por Maurizio Ghelardi, comenta o historiador suíço:

Se o quadro de qualquer época cultural passada deve ser perfeito na recordação dos homens, a ela certamente não deve faltar a arte figurativa. Enquanto o caráter de uma época passada é transmitido nas notícias e nos monumentos da existência política, assim os costumes e os usos são transmitidos claramente na literatura, na concepção religiosa, ainda que os presságios e os ideais mais recônditos, e então mais verdadeiros e não intencionais, são confiados aos pósteros talvez somente graças à figuração artística.¹³

É grande a importância desses dois fragmentos do manuscrito de 1849-50 para a compreensão de alguns aspectos de futuros trabalhos de Burckhardt. Em primeiro lugar, torna-se claro o quanto o arranjo da *Kultur der Renaissance in Italien* é fruto de

¹¹ “[...] Burckhardt affronta per la prima volta direttamente il tema del rapporto tra Medioevo e Rinascimento”. GHELARDI, Maurizio. **La scoperta del Rinascimento: L’Età di Raffaello** di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 87-88.

¹² “Come Dante con la sua forma ferrea e chiusa contrasta con la diffusa e amebica poesia nordica di allora, così anche la pittura fece un grande passo avanti nella direzione di ciò che è determinato e vivo, grazie al contemporaneo Giotto”. Citado por: Ibid., p. 96.

¹³ “Se il quadro di una qualsiasi epoca culturale passata deve essere perfetto nel ricordo degli uomini, a essa certo non deve essere mancata l’arte figurativa. Mentre il carattere di un’epoca passata si trasmette nelle notizie e nei monumenti dell’esistenza politica, così i costumi e gli usi si trasmettono chiaramente nella letteratura, nella concezione religiosa, anche se i presagi e gli ideali nascosti, e dunque più veri e non intenzionali, sono affidati ai posteri forse solo grazie alla figurazione artistica”. Trecho de Jacob Burckhardt, citado por: Ibid., p. 95.

um recorte que omite, a contragosto do próprio autor, uma análise do fenômeno artístico. Em segundo lugar, tais fragmentos permitem perceber que o historiador orienta-se em direção ao mundo italiano da época de Dante e Giotto a partir de uma visão de conjunto que reúne arte e cultura. Se enquadrarmos tal procedimento no mencionado esboço de seu “grande plano literário” de janeiro de 1848, no qual a expressão artística aparece no centro de sua análise conjunta da “Era de Rafael”, estamos então no contexto de formação de seu livro de 1855, *Der Cicerone*. Além disso, o primeiro trecho citado, no qual Burckhardt põe as figuras de Dante e de Giotto no centro da problemática entre o universo italiano e o mundo nórdico no final do período medieval, revela também um importante dado, com o qual o historiador constrói sua interpretação histórica. Aqui, no vértice do movimento histórico aparecem os indivíduos, compreendidos em sua ação concreta no mundo. Através das ações do literato e do artista, interpretadas em conjunto, Burckhardt buscava, como ele próprio havia afirmado, tocar os “mais recônditos” e “mais verdadeiros ideais” humanos da tardia Idade Média italiana. O *Cicerone*, entretanto, não foi escrito tendo em vista primordialmente o problema a respeito do Renascimento. De maneira diversa, sua realização foi impulsionada muito mais por uma problemática histórico-cultural referente ao universo italiano como um todo, problemática que teve seu eixo central localizado na apreciação do fenômeno artístico.

No entanto, a conexão entre cronologia e biografia, com um esboço do Renascimento compreendido como época histórica, deu-se primeiramente nas conferências de outubro e novembro de 1850, sobre o Arcebispo de Basiléia: *Andreas von Krein und der letzte Concilversuch in Basel (1482-1484)* (Andreas von Krein e a última tentativa de conciliação em Basiléia).¹⁴ Aqui, a partir de um episódio específico, Burckhardt constrói um cenário no qual a problemática da dissolução histórica da Idade Média é discutida no meio eclesiástico e religioso. O episódio de Andreas von Krein é apresentado no interior de um quadro histórico que tem seu início com o Concílio de Constança, mas que percorre um caminho trilhado por cismas religiosos e discussões teológicas. A exposição de Burckhardt é, portanto, localizada no dramático período em que a Igreja se debate, em meio à sucessão de concílios eclesiásticos, para manter sua

¹⁴ Sobre esse ciclo de conferências ministradas em Basiléia, comentam tanto o biógrafo de Burckhardt, KAEGLI, Werner. **Jacob Burckhardt: Eine Biographie.** Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 650-651. Quanto GHELARDI, Maurizio. **La scoperta del Rinascimento: L “Età di Raffaello”** di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 96-105.

unidade, comprimida entre perigos internos e externos, entre os movimentos reformistas e a marcha dos turcos em direção ao Ocidente. Nesse jogo de forças, o papado se lança no âmbito de discussões com setores religiosos, mas também com o poder temporal. Neste cenário, o historiador encontra a obra monumental do Papa Pio II (Enea Silvio Piccolomini), a qual terá importância central para seu livro de 1860, *A Cultura do Renascimento na Itália*.

De todo modo, nesse ciclo de conferências dá-se o prematuro esboço de uma “*Kultur der Renaissance*”, ainda que o cenário não seja o meio italiano. Werner Kaegi, ressalta, nesse episódio, o tom essencialmente negativo da interpretação de Burckhardt, que acentuou a atmosfera de corrupção entre os eclesiásticos, postos a negociações dentro do próprio universo da Igreja, mas também fora dele, no cenário político. Assim, o episódio, aparentemente secundário, da atuação do Bispo Andreas von Krein nesse amplo contexto, representou o exemplo particular de um acontecimento de caráter macro, em que, paralelamente às discussões teológicas, os autores e as fontes da Antigüidade ilustram o cenário dos debates. Era já o sinal de um renascimento do mundo antigo na Europa central da segunda metade do século XV.

É, no entanto, em 1855, após a edição do *Cicerone*, quando assume a cátedra de História da Arte no Politécnico de Zurique, que Burckhardt toma para si, de modo sistemático, o problema do Renascimento italiano. Numa carta de outubro de 1855, referindo-se à viagem que originou o *Cicerone*, o historiador comenta:

[...] há um pensamento torturante que me oprime de um ponto de vista científico e que, provavelmente, absorverá por anos todas as forças de que disponho: trata-se de fato do núcleo de uma grande pesquisa sobre a história do belo. Trouxe esta ‘moléstia’ o ano passado da Itália e creio que, se não conseguir realizar esta coisa, não poderei morrer em paz.¹⁵

De fato, Burckhardt anuncia aqui o rumo de seus estudos. A proposta é, como se sabe, tratar o Renascimento italiano na totalidade de sua abrangência, porém conservando ainda aquele ponto de vista presente no plano original, apresentado em 1848, indicado no título “A Era de Rafael”. O estudo, portanto, permanece nesse modelo, como se pode observar na afirmação de “uma grande pesquisa sobre a história

¹⁵ “Und dann ist ein wissenschaftlicher Quälgeist über mir, der vielleicht auf Jahre hinaus alle meine disponiblen Kräfte in Anspruch nehmen wird, der Keim einer grösseren Forschung in der Geschichte des Schönen. Ich habe diesen ‘Besten’ voriges Jahr aus Italien mitgebracht und glaube nun, ich könnte nicht ruhig sterben, wenn ich nicht in dieser Sache mein Schicksal erfüllt habe”. BURCKHARDT, Jacob. **Briefe** – Ausgewählt und herausgegeben von Max Burckhardt. Basel/Birsfelden: Schibli-Doppler, s/d, p.189-190.

do belo”. A Itália, que o *Cicerone* havia magistralmente apresentado, encontra agora, nas anotações e fichamentos de suas leituras e nos manuscritos de seus cursos zuriqueses, uma indagação histórica que sustenta em seu centro a problemática do Renascimento italiano. A grande síntese histórica começa, então, a apresentar-se de modo definitivo em sua mente, entretanto, não ainda como será apresentada na *Kultur der Renaissance in Italien*. No período zuriquês, o historiador persegue aquele projeto totalizante de englobar, num mesmo estudo, a arte e a cultura renascentistas. Assim, Burckhardt coloca-se sistematicamente sobre as fontes italianas, durante o período em que lecionou em Zurique, entre 1855 e 1858.

Em Zurique, Burckhardt começou a organizar três grupos de anotações preparatórias para a escrita da *Kultur der Renaissance*.¹⁶ Porém, significativamente o primeiro grupo de excertos foi dividido de acordo com uma ordenação por autor: “sobre Leon Battista Alberti”, “sobre Bandello” e “sobre Dante”. Organização que revela, mais uma vez, como Burckhardt centralizava em determinados indivíduos sua metodologia e sua indagação histórica. Era, de novo, a biografia surgindo no centro de seu arranjo metodológico. Neste sentido, são reveladoras, ainda, as seguintes palavras de Werner Kaegi:

O caderno com as anotações sobre Leon Battista Alberti é o mais extenso; ele se ocupou em primeiro lugar do *De re aedificatoria*, mas além disso conteve ainda outras anotações, prevalentemente histórico-artísticas, anotações que estabelecem uma pronunciada conexão histórico-cultural. O ‘Bandello-Excerpt’ possui de antemão sua natureza de tendência histórico-cultural. O ‘Dante-Excerpt’ reflete uma mais clara problemática do livro sobre o Renascimento.¹⁷

Ainda a respeito do tratamento da obra de Dante, pode-se verificar, a partir do estudo de Kaegi sobre os cadernos de apontamentos da fase zuriquesa de Burckhardt, o quanto o poeta florentino era significativo para a elaboração da tese que seria apresentada no livro de 1860. Com as seguintes palavras, Burckhardt inicia o excerto sobre Dante:

É muito importante a noção de Virgílio como mestre dos *estilos*. Pela primeira vez na Idade Média, tem-se a idéia de que o estilo possa ser

¹⁶ KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt**: Eine Biographie. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 654.

¹⁷ “Das Heft mit den Excerpten aus Leon Battista Alberti ist das umfangreichste; es bezieht sich in erster Linie auf das ‘De re aedificatoria’, enthält daneben auch andere, vorwiegend kunsthistorische Notizen, stellt aber diese Notizen in einen ausgesprochenen kulturhistorischen Zusammenhang. Das Bandello-Excerpt ist seiner Natur nach zum vornherein kulturhistorisch gerichtet. Das Dante-Excerpt spiegelt die Problematik des Renaissancebuches am eindeutigsten”. Ibid.

algo *historicamente passado*, do qual se possa apropriar livremente... Dante sabe a **Eneida** de cor... [...] O mais antigo programa claro do Renascimento.¹⁸

Seguindo a organização histórico-biográfica, Burckhardt ampliou o circuito das anotações, passando de Dante para “Petrarca e a fama”¹⁹ (*Petrarca und der Ruhm*), da seleção de novelas de Matteo Bandello para as “vidas” de Filippo Villani, de Leon Battista Alberti para Enea Silvio Piccolomini (Papa Pio II). Enea Silvio, qualificado por Burckhardt de “*Lieblingsautor*” (autor predileto), começa a ser interpretado, já nos apontamentos de suas leituras do período zuriquês, como medida e modelo para pensar a civilização do *Quattrocento* italiano como um todo. E o historiador começa a utilizar-se da obra do erudito papa para interpretar episódios simbólicos da vida italiana de então. Em 1857, por exemplo, numa conferência proferida na *Züricher Antiquarischen Gesellschaft* (Associação de Antigüidades de Zurique), Burckhardt parte da descrição do sétimo livro dos *Commentarii* de Pio II para empreender uma “Descrição das festas de Corpus Christi em Viterbo, no ano de 1462” (*Beschreibung des Fronleichnamisfest zu Viterbo im Jahre 1462*). Nessa oportunidade, o historiador suíço traduz e comenta a colorida descrição de Piccolomini sobre o episódio.²⁰

No entanto, duas obras foram importantes, nesse momento, para que Burckhardt pudesse compôr o arranjo histórico-biográfico de suas anotações. Em primeiro lugar, a *Rerum italicarum scriptores*, do grande bibliotecário de Módena no século XVIII, Ludovico Antonio Muratori, infinitamente citada nas notas do livro de 1860. Muratori é o historiógrafo formado no interior do universo da erudição monástica, no final do século XVII, aluno do beneditino italiano, Benedetto Bacchini, e seguidor do beneditino francês e representante máximo da erudição historiográfica da época, Jean Mabillon. Em segundo lugar, os vários volumes do *Archivio storico italiano*, onde o historiador se deparava com as inestimáveis crônicas modernas, os anais e uma série de *vite* ali narradas por vários autores dos séculos XVIII e XIX. Em ambos os casos,

¹⁸ “Sehr bedeutend die Erkenntnis von Virgil als Meister des *Stiles*. Zum erstmal im Mittelalter die Erkenntnis, dass der Stil etwas *Geschichtlich-Vergangenes* sein könne, das man sich frei aneignen könne... Dante kann die Aeneide auswendig... [...] Frühestes deutliches Programm der Renaissance”. Citado por KAEGLI, Werner. **Jacob Burckhardt: Eine Biographie**. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 654-655.

¹⁹ Uma detalhada descrição das anotações de Burckhardt sobre “Petrarca e a fama” é apresentada por GANZ, Peter. Jacob Burckhardts *Kultur der Renaissance in Italien: Handwerk und Methode*. In: GUGGISBERG, Hans R. (Herg.). **Umgang mit Jacob Burckhardt**. Band I. Basel; München: Schwabe; C. H. Beck, 1994, p. 52-54.

²⁰ Sobre a conferência pronunciada por Burckhardt em Zurique, comenta Peter Ganz. *Ibid.*, p.40.

Burckhardt encontrava uma gama de notícias biográficas e de crônicas de acontecimentos significativos na Itália, na época que o interessava. Porém, em Muratori, mais do que uma fonte para sua pesquisa, ele encontrou um importante pressuposto científico. Através da obra de Muratori, Burckhardt obteve um modelo de organização da obra dos importantes escritores italianos, a partir do qual pôde sistematizar um *corpus* sobre o qual desenvolver sua pesquisa. Ludovico Antonio Muratori, maior medievalista italiano de seu tempo, havia organizado a história literária na Itália entre os anos 500 e 1500, além de se dedicar ao estudo das antigüidades italianas na Idade Média. Muratori foi, portanto, para Burckhardt, a base de organização do *corpus* literário de sua pesquisa, mas também um modelo de estudo historiográfico ancorado na erudição filológica.

Entretanto, o tratamento do indivíduo no centro da indagação histórica de Burckhardt apresenta-se, nos anos em que o historiador trabalhou em Zurique, numa perspectiva onde a história da arte e a história da civilização são trabalhadas conjuntamente. Assim, ao lado dos apontamentos de caráter biográfico, Burckhardt compôs as “anotações artísticas” (*Kunst-notizen*), organizadas como comentários sobre as obras de arte e seus respectivos autores. Ele pensava, como pode-se deduzir, conceber um intercâmbio entre as duas séries de apontamentos na composição da *Kultur der Renaissance*.

Porém, ao lado das anotações encontradas nos cadernos deixados por Burckhardt, os trechos manuscritos de suas aulas zuriquesas, a que temos acesso através dos estudos de Maurizio Ghelardi e de Peter Ganz, compõem o quadro preparatório para a *Kultur der Renaissance*, entre 1855 e o início de 1858. Nos cursos ministrados no Politécnico de Zurique, Jacob Burckhardt já esboça uma periodização sobre o Renascimento, ao mesmo tempo em que acena para a fundamental problemática da redescoberta da antigüidade. No curso ministrado durante o inverno de 1856-57, ele chega a afirmar que “enquanto os remanescentes países ocidentais criaram, movendo por sua própria inspiração, a arte e a vida, na Itália já a partir dos séculos XII e XIII impôs-se sempre esta imagem de Roma, a qual perseguiu as pessoas até mesmo em seus sonhos”.²¹ E Burckhardt, de acordo com as anotações de suas leituras e com os

²¹ “Mentre i rimanenti paesi occidentali crearono muovendo dalla loro propria ispirazione l’arte e la vita, in Italia già a partire dai secoli XII e XIII si interpose sempre questa immagine di Roma, la quale perseguitò la gente perfino nei loro sogni”. Citação contida em GHELARDI, Maurizio. **La Scoperta del Rinascimento** – L’ “Età di Raffaello” di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 135.

manuscritos de seus cursos em Zurique, segue buscando os traços que caracterizem este universo italiano na arte e na literatura. Assim, observa nos retratos de Giotto o ocaso da idéia de honra; assim, percebe na poesia de Luigi Pulci e de Matteo Boiardo um tratamento essencialmente burlesco e irônico dos romances de cavalaria.²²

A análise conjunta da arte e da cultura permanece no centro de seu projeto de trabalho quando, já no retorno definitivo a Basiléia, onde assume a cátedra na universidade, responde ao rei Maximiliano II da Baviera, na carta de maio de 1858:

O intento seria aquele de considerar o Renascimento como pátria e origem do homem moderno, seja no que diz respeito ao modo de pensar e sentir, seja no que tange ao mundo das formas. Parece-me possível tratar estas duas grandes temáticas de modo oportunamente paralelo, fundindo a história da civilização com a história da arte.²³

Porém, ao mesmo tempo em que assumia o cargo de professor no *Paedagogium* e na Universidade de Basiléia, além do compromisso das conferências regulares para um público geral, Burckhardt sofria intimamente com as perdas do pai e do amigo e ex-professor em Berlim, Franz Kugler. Sofria ainda com o assédio de Paul Heyse para que completasse os trabalhos inacabados de Kugler. Neste mesmo momento, a massa de materiais sobre o Renascimento aumentava e o atormentava a idéia de dar uma forma às suas indagações. É esse o instante em que sua correspondência deixa transparecer a impossibilidade de levar a cabo o inteiro projeto de tratar paralelamente as temáticas em seu livro, fundindo a história da civilização com a história da arte. “O plano original do livro pertence, de agora em diante, ao passado [revela-nos Kaegi] [...]. Burckhardt desistiu então de uma apresentação unitária da história da civilização e da história da arte, para salvar somente alguma coisa da obra”.²⁴ Então, o historiador começa a selecionar as anotações. É nesse momento que Paul Heyse tinha a oportunidade de ler, numa carta que Burckhardt lhe enviara, a seguinte afirmação:

²² Cf. GHELARDI, Maurizio. **La Scoperta del Rinascimento** – L’ “Età di Raffaello” di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 127-153.

²³ “die Renaissance sollte dargestellt werden in soweit sie Mutter und Heimath des modernen Menschen geworden ist, im Denken und Empfinden sowohl als im Formenbilden. Es erschien als möglich, diese beiden grossen Richtungen in einer würdigen Parallele zu behandeln, Kunst- und Culturgeschichte zu verschmelzen”. BURCKHARDT, Jacob. **Briefe** – Ausgewählt und herausgegeben von Max Burckhardt. Basel/Birsfelden: Schibli-Doppler, s/d, p. 215.

²⁴ “Der Grundplan des Buches gehört von jetzt an der Vergangenheit an [...]. Burckhardt hatte nun auf die darstellerische Einheit von Kunst- und Culturgeschichte verzichtet, um *nur* etwas von dem Werk zu retten”. KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt: Eine Biographie**. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 665.

Ontem, por exemplo, recortei, para poder novamente classificar com base nos argumentos, setecentas pequenas fichas só com citações de Vasari que havia recolhido num livreto. De outros autores tenho já cerca de mil duzentas e cinquenta fichas sobre arte e duas mil sobre cultura. Mas quanto de tudo isto poderei verdadeiramente utilizar? [...] Só em similares condições posso de fato esperar realizar durante o inverno, baseado num plano já muito reduzido, o meu trabalho como um ‘Renaissance-Fragment’.²⁵

A redução do plano da obra diz respeito essencialmente à separação do estudo de história da cultura daquele de história da arte. Tal procedimento deveu-se, em primeiro lugar, não a uma conclusão metodológica, mas às possibilidades momentâneas de realização do livro. Da massa de anotações que havia acumulado sobre o Renascimento italiano, o historiador podia, naquele momento, dedicar-se apenas a uma parte. Nessas circunstâncias, ele escolheu resolver o problema abrindo mão do plano inicial de analisar conjuntamente a arte e a cultura do período. Assim, excluiu a apresentação da arte do Renascimento do projeto de seu livro de 1860.

Sabe-se que Jacob Burckhardt escreveu o manuscrito da *Kultur der Renaissance in Italien* entre o outono de 1858 e o verão de 1860,²⁶ com base numa reclassificação dos excertos, realizada nas férias de verão de 1858. Porém, reclassificar os materiais significava, além de redimensionar a obra, repensá-la também em seu aspecto metodológico. Na direção do que ele próprio havia afirmado a Paul Heyse, através da carta acima citada, tolher de seu projeto sobre a *Kultur der Renaissance* um estudo do fenômeno artístico integrado a uma análise das demais expressões da época significava perder a dimensão totalizante de seu trabalho, transformando-o apenas num estudo fragmentário do Renascimento italiano, num *Renaissance-Fragment*. Para Burckhardt, a arte, como fenômeno do espírito, tem seu lugar na história da civilização (*Kulturgeschichte*). Ao mesmo tempo, abdicar de observá-la dentro de seu amplo campo

²⁵ “Ieri, ad esempio, ho tagliato, per poter nuovamente classificare in base all’argomento, settecento piccole schede solo con citazioni da Vasari che avevo raccolto in un libretto. Di altri autori ho già circa mille schede in quarto sull’arte e duemila sulla cultura. Ma quanto di tutto questo potrò veramente utilizzare? [...]”

Solo in simili condizioni posso infatti sperare di poter realizzare durante l’inverno, in base a un piano già molto ridotto, il mio lavoro come un ‘Renaissance-Fragment’”. Citado por: GHELARDI, Maurizio. **La Scoperta del Rinascimento** – L’ “Età di Raffaello” di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 214.

²⁶ Ver GANZ, Peter. Jacob Burckhardts *Kultur der Renaissance in Italien*: Handwerk und Methode. In: GUGGISBERG, Hans R. (Herg.). **Umgang mit Jacob Burckhardt**. Band I. Basel; Munchen: Schwabe; C. H. Beck, 1994, p. 44.

Ver também KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt**: Eine Biographie. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 649.

de relações culturais, significava abrir mão do sentido de totalidade em que se assentava sua indagação histórica. Entretanto, na exigência de redimensionar seu livro, o historiador suíço sentiu-se obrigado a repensar sua metodologia. Daí surgiu a necessidade de definir um lugar separado para a arte dentro da história da civilização, um lugar onde o fenômeno artístico fosse tratado como um tema da *Kulturgeschichte*, algo como uma disciplina própria. Tal tarefa, no entanto, Burckhardt reservou para o futuro. O momento pedia um esforço de outra natureza. Era necessário conceber uma síntese histórico-cultural que imprimisse ao Renascimento italiano um sentido de unidade, ainda que nesse arranjo faltasse a dimensão artística.

Porém, antes de que sua síntese histórica assumisse uma forma definitiva, ele quis deixar, mesmo em caráter de mero esboço, um aspecto unitário às anotações de seus estudos em Zurique sobre a Renascença italiana, quase como numa maneira de apresentar o que deveria ter sido o livro de 1860. Assim, no semestre de inverno de 1858-59, Burckhardt apresenta em Basileia o ciclo de conferências denominado “A Era de Rafael”.²⁷ Deste modo, pelo menos seu caro público de concidadãos poderia testemunhar os traços de uma pesquisa que o historiador não pôde levar a cabo naquele momento. Uma pesquisa que apresentava ainda o dorso de seu projeto original de fundir a arte e a história da civilização. As conferências de 1858-59 mostravam, então, a um público de cerca de 285 pessoas, o desenho provisório de um objetivo distante.

Na apresentação do manuscrito dessas aulas, Maurizio Ghelardi afirma que trata-se de “uma série de conferências nas quais pela primeira vez [Burckhardt] desenha o inteiro arco de seu projeto e de sua reflexão sobre o Renascimento”, mas alerta que tal material “não representa o esquema ou o dorso da célebre obra”.²⁸ Embora a problemática conduzida no livro de 1860 esteja presente nessas conferências, um traço distingue as duas concepções: no ciclo de conferências sobre Rafael, Burckhardt lança ainda sobre a referida época histórica um olhar de conjunto, no qual a história da cultura e a história da arte aparecem unificadas, tendo no centro de sua indagação, no entanto, um

²⁷ Maurizio Ghelardi apresenta o inteiro manuscrito sobre as conferências de 1858-59 como apêndice de seu estudo supra citado. BURCKHARDT, Jacob. Vorlesungen über Renaissance gehalten in der Aula des Museum. Winter 1858-59 vor 285 Zuhörern. In: GHELARDI, Maurizio. **La Scoperta del Rinascimento** – L’ “Età di Raffaello” di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 233-282. (Appendice 3)

²⁸ “[...] una serie di conferenze nelle quali per la prima volta disegna l’intero arco del suo progetto e della sua riflessione sul Rinascimento”.

[...] il manoscritto delle conferenze basilesi non è lo schema o il torso rimasto della celebre opera”. GHELARDI, Maurizio. **La Scoperta del Rinascimento** – L’ “Età di Raffaello” di Jacob Burckhardt. Torino: Einaudi, 1991, p. 155 e 156.

representante do universo artístico. Era a apresentação de um projeto que havia sido originalmente concebido naquela viagem romana de 1847-48.

Tal arranjo será alterado, como foi dito, na redação final do manuscrito que originou a *Kultur der Renaissance in Italien*, estabelecendo uma separação entre história da cultura e história da arte, distinção fundamental para se compreender a forma adquirida pela obra de 1860.

Assim, numa nova sistematização dos envelopes de anotações que tinham sido organizados de acordo com o projeto anterior, Burckhardt chega a um esboço para a escrita da *Kultur der Renaissance*. As “anotações artísticas” ficaram guardadas provisoriamente para trabalhos futuros. Em 1867, como parte da coleção *Geschichte der Baukunst* (História da Arquitetura) que havia sido idealizada por Franz Kugler, Burckhardt edita a *Geschichte der neueren Baukunst* (História da Arquitetura Moderna), tratando dessa arte na Itália. A obra seria reeditada, em 1878, com um novo título: *Geschichte der Renaissance in Italien* (História do Renascimento na Itália). Em 1898, um ano após a morte de Burckhardt, Hans Trog editou os manuscritos sobre a pintura italiana do Renascimento, que o historiador havia composto nos últimos anos de sua vida, as *Beiträge zur Kunstgeschichte von Italien* (Contribuições à História da Arte Italiana), contendo três textos: *O Retábulo de Altar*, *O Retrato na Pintura* e *Os Colecionadores*. O manuscrito sobre a escultura foi publicado somente em 1934, organizado por Heinrich Wölfflin como terceiro volume das *Obras Completas* de Burckhardt, sob o título *Randglossen zur Skulptur der Renaissance* (Anotações Marginais à Escultura do Renascimento). Recentemente, através do trabalho de Maurizio Ghelardi, da Scuola Normale Superiore di Pisa, foi editado um manuscrito inédito, ao qual Burckhardt chamou *Malerei nach Gattungen* (A Pintura Segundo os Gêneros), fundamental para se compreender o modo como o historiador suíço buscava conectar a arte à história da civilização. Atualmente, no grande projeto editorial desenvolvido por pesquisadores de dez universidades da Europa, projeto de reedição crítica das obras completas de Burckhardt, vêm sendo publicados vários outros manuscritos menores seus, sobre a arte italiana do Renascimento.

Ainda com relação à escrita da *Kultur der Renaissance in Italien*, Burckhardt reordenou seus envelopes de anotações, de acordo com o plano reduzido sobre o qual se baseou. O último projeto da escrita teve a seguinte forma:

Política I; Política II; Guerra; Hierarquia I; Hierarquia II; Humanismo I; Humanismo II; Natureza e Mundo; Descoberta do Homem; Estatística; Valores, etc.; Costume Exterior; Classes; Festas e Mistérios; Poesia; Individualismo; Fama, etc.; Paixão; Superstições, etc; Religião.²⁹

Antes que o livro fosse editado, entretanto, o historiador iria apresentar, em três conferências, parte de seu conteúdo. Em 3 de janeiro de 1859, no Salão do Museu de Basileia, ele falou a respeito do sentimento em relação à natureza no Renascimento, na palestra intitulada “Sobre a beleza das paisagens” (*Über landschaftliche Schönheit*). Em 10 de janeiro de 1860, deu uma aula sobre o projeto de César Borgia de subir ao trono papal, a qual chamou “Primeiro plano de secularização do Estado da Igreja” (*Frühere Säkularisationspläne im Kirchenstaat*). Em 9 de fevereiro desse mesmo ano discorreu sobre “Veneza e Florença no século XV”, na Universidade de Basileia.³⁰ A *Kultur der Renaissance* começava a surgir em seu aspecto definitivo. Nessas três oportunidades, Burckhardt a apresentava oralmente e de modo fragmentado.

Mas a integridade de seu estudo seria, em pouco tempo, tornada pública. Em setembro de 1860, o livro saiu editado. Sua forma não representou mais do que uma reelaboração reduzida do projeto que o autor havia formulado ao longo dos anos. No entanto, a forma assumida pelo livro possibilitou uma imagem tão forte quanto verossímil do Renascimento italiano, de modo que ainda em nossos dias é impossível imaginar o período histórico destacado do quadro de época concebido por Jacob Burckhardt. E este período, em sua formulação, compreendeu todo o arco temporal desde a queda dos Hohenstaufen até a dominação espanhola na Itália. No interior desses limites, sua visão percorreu os caracteres comuns à poesia, à narrativa literária, à vida religiosa, às construções políticas em solo italiano.

Entretanto, o livro que sintetizou sua descoberta esteve longe de se apresentar isoladamente no conjunto de sua obra. Foi, na verdade, o instante central de um trabalho que se estendeu por várias décadas, revelando que a descoberta histórica de Burckhardt deu-se num longo processo, até os últimos anos de sua vida. Tal esforço, se tomado em conjunto, revela ainda que esta longa elaboração forçou o historiador a uma proposição

²⁹ O plano final de escrita da Burckhardt, conservado entre os seus manuscritos, é apresentado por KAEGI, Werner. **Jacob Burckhardt: Eine Biographie**. Band III. Basel/Stuttgart: Benno Schwabe Verlag, 1956, p. 669. Mas também por GANZ, Peter. **Jacob Burckhardts Kultur der Renaissance in Italien: Handwerk und Methode**. In: GUGGISBERG, Hans R. (Herg.). **Umgang mit Jacob Burckhardt**. Band I. Basel; Munchen: Schwabe; C. H. Beck, 1994, p. 41-42.

³⁰ Sobre tais conferências, ver GANZ, Peter, op. cit., p. 45.

metodológica resolvida apenas no ocaso de sua existência, e que diz respeito ao tratamento do objeto artístico no vasto campo da *Kulturgeschichte* (história da civilização). Mas este problema somente é possível de ser tratado num estudo detido sobre o conjunto dos manuscritos de Burckhardt a respeito arte italiana do Renascimento.

